

Em comemoração ao centenário das Conferências Introdutórias à Psicanálise (1916-1917) de S. Freud, a Febrapsi solicitou que alguns colegas escrevessem uma homenagem a ser postada semanalmente. Hoje está sendo publicado o texto de: José Carlos Calich referente à conferência: Trauma e inconsciente.

Trauma, na origem grega, significa “ferida”. Nas diversas acepções médicas, trauma é resultado do impacto de um agente externo que produz interrupção de uma estrutura ou de um funcionamento habitual do corpo: uma “ferida”.

Para entendermos nosso enfoque, o “trauma psíquico”, a “ferida” em nosso inconsciente, precisamos algumas definições.

Mente e psiquismo são especializações bastante complexas do corpo. Mente é uma especialização do corpo de forma mais direta e o psiquismo uma especialização da mente. Psiquismo é o sistema que produz significado para nossas experiências emocionais, nos fazendo capazes de pensar sobre nós mesmos de forma integrada, subjetiva e imaginativa; de sermos únicos e singulares, apropriados para ir em busca de realizações pessoais que transcendam a apenas o prazer, enfrentar dores psíquicas (como a dos lutos ou das várias limitações impostas pela realidade), de ter consideração pelos demais (incluindo a tendência a reparar o que causamos emocionalmente aos outros e a capacidade de nos ligarmos aos outros, além das necessidades e convenções sociais) e de intuir o que sentem outros humanos. A estrutura básica do psiquismo é o inconsciente e, ainda que tudo o que se refere ao psiquismo seja o que essencialmente nos faz humanos, a maior parte deste funcionamento ocorre nessa estrutura imaterial e não visível.

Se seguirmos os princípios dos traumas corporais, teremos uma relação dinâmica entre a intensidade do evento e a sensibilidade da pessoa individual. Sendo assim, a resistência do indivíduo é fator fundamental na compreensão da “ferida”, portanto, trauma psíquico é um estímulo excessivo para aquele indivíduo, naquela circunstância. Esse excesso produz uma exigência de trabalho psíquico que quando bem-sucedido promove crescimento e não padecimentos crônicos. Tomemos o exemplo das crianças muito pequenas, com o psiquismo em formação; a maioria dos estímulos no contato com os adultos é circunstancialmente excessiva, porém, ao estimularem o trabalho psíquico, são utilizadas para o crescimento. Quando o estímulo é demasiado e intrusivo, por exemplo, quando o adulto cuidador é excessivamente ansioso, agressivo ou “abandonante”, a impossibilidade de “metabolizar” esse excesso, interrompe o sistema de produção de significados das experiências emocionais já em seu começo. A insuficiência de contato com a vida emocional pode estar na origem de quadros psicossomáticos ou de transtornos graves de personalidade, onde quase todos os estímulos da vida diária são vividos como excessivos, traumáticos. Outra forma de manifestação desta insuficiência poderia ser uma grande dificuldade de lidar com a angústia, com tristezas e lutos ou com pressões da vida adulta cotidiana.

A medida que o indivíduo cresce e se desenvolve, fica mais resistente ao traumatismo provocado pelas situações externas, pois uma malha de significados às experiências emocionais vai sendo criada e torna-se rede de proteção aos excessos externos, mantendo-os, através do trabalho do psiquismo, como estimulantes ao desenvolvimento.

Assim, a “ferida”, essa estagnação de um funcionamento psíquico crescente, só pode ser compreendida em termos individuais e em circunstâncias específicas. Está menos na dependência da intensidade do agente e mais na eficiência da malha que se desenvolveu através das experiências da vida. Quando a malha tem “buracos” específicos (relacionados à sexualidade, violência, frustração, autoestima, dentre inúmeros outros), o indivíduo é mais vulnerável a essas intrusões específicas, portanto, mais facilmente desenvolve “feridas” nestas áreas.